

CINQUENTA ANOS DE GEOLOGIA EM PERNAMBUCO (1957-2007): RETROSPECTIVA

*(palestra apresentada em 31 de maio de 2007
no auditório do CTG, UFPE)*

Alcides Nóbrega Sial
NEG-LABISE, Depto. de Geologia, UFPE

PREÂMBULO

Gostaríamos de agradecer a oportunidade que nos foi oferecida pelos colegas do Departamento de Geologia para fazermos hoje uma retrospectiva dos primeiros cinquenta anos da geologia na UFPE. Surpreendeu-nos a nossa escolha para esta tarefa, considerando nossas limitações como orador, pessoa de relato seco e sem muita doçura, e sabendo que diversos outros colegas o fariam melhor e de forma contagiante. Entretanto, asseguramos que o depoimento que apresentamos é sincero e verdadeiro, e nosso testemunho será reportado no limite do nosso conhecimento. Esta é uma oportunidade de registrar os nossos sentimentos e de lembrar a história do curso de geologia na UFPE. Por qualquer inadvertida omissão, nossas sinceras desculpas.

ANOS HERÓICOS

Ingressamos na Escola de Geologia da Universidade do Recife em março de 1963, no sexto ano de funcionamento do curso de Geologia. O nosso testemunho sobre os seis primeiros anos baseia-se em informações colhidas em conversas informais, fotos e consulta a um documento elaborado pelo Prof. Rubem de Queiroz Cobra, ex-professor da Escola de Geologia em Recife, alusivo à fundação da mesma, disponível na internet. Este documento recorda os tempos e personagens de quando a geologia era ela mesma uma

descoberta, um campo profissional inteiramente novo. Como frisado por ele, até então o conhecimento mineral no Brasil não incluía mapeamentos regionais. A geologia que interessava às empresas estrangeiras era estudada por geólogos estrangeiros do seu próprio quadro, que discretamente levantavam o valor de reservas minerais e encaminhavam seus relatórios privados. São desta época William Johnston Jr. do USGS que iniciou estudos sobre a província pegmatítica do Rio Grande do Norte e Paraíba, e John Van Norstrand Dorr II e Norman Herz que realizaram mapeamento geológico básico no quadrilátero ferrífero em Minas Gerais.

Para os brasileiros, geologia era um estudo pontual de reservas minerais ainda por definir e explorar, espécie de ciência sofisticada dentro da Engenharia de Minas e Civil, e da chamada “História Natural”. Os relatórios narravam, como contos de aventura, excursões dificultosas pelo interior de um País sem estradas ou veículos adequados, para amostragens rápidas para posterior estudo de lâminas delgadas ao microscópio. Os mapas topográficos utilizados eram os do exército brasileiro que fizera um esforço de prover a nação com melhores elementos para uma estratégia de defesa.

A PETROBRAS, a empresa estatal brasileira do petróleo, tencionava complementar a formação de alguns profissionais visando o desenvolvimento da geologia no Brasil, e para isto criou em

1957 o curso de geologia do petróleo do CNAP que durou até 1964. Este curso foi ministrado em Salvador, Bahia, contando com experientes professores estrangeiros de indiscutível gabarito técnico como Cordell Durell e Fred La Salle Humphrey da Universidade da Califórnia em Los Angeles, e o canadense Gilles Allard da Universidade da Geórgia em Athens, além de alguns brasileiros como Shiguemi Fugimori e Sylvio de Queiroz Mattoso. Foi ministrado ao nível de pós-graduação e tinha duração de dois anos em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, englobando engenheiros civis, de minas, químicos e agrônomos. Deste curso saíram os primeiros geólogos inteiramente preparados no País. Alguns egressos desse curso vieram a atuar na própria PETROBRAS ou em universidades brasileiras, como Genaro Batista da Silva, que por muitos anos exerceu o magistério no Instituto de Geologia em Recife, e que foi chefe do Departamento de Paleontologia e Geologia da UFPE nos anos 70.

No final dos anos 50, a arrancada para a profissionalização da geologia veio por via das metas de governo do presidente Juscelino Kubistchek de Oliveira que incluíam o levantamento geológico no Brasil. Tratava-se agora de despir a geologia de seus ares românticos, tirando-a dos velhos gabinetes nas sedes estaduais do DNPM, de inúteis discussões sobre riquezas potenciais, e de fazer dela um instrumento efetivo de descobertas úteis ao progresso nacional.

Nesta etapa, as coisas se passaram de forma muito rápida, com reuniões para discussão de projetos com geólogos americanos, franceses e alemães e a participação de alguns poucos brasileiros que precisavam ouvir e entender as propostas de cooperação dessas “missões”. O resultado disto foi a criação formal de quatro cursos de geologia pela

Campanha de Formação de Geólogos (CAGE) do Ministério de Educação e Cultura em Porto Alegre, Ouro Preto, São Paulo e Recife, por meio do decreto n. 40.783 de 18 de janeiro de 1957. No ano seguinte foram criados dois outros cursos, em Salvador e Rio de Janeiro.

O programa proposto tinha algo de fascinante e pioneiro no Brasil. Tratava-se de fundar curso superior em Geologia de padrão e qualidade irretocáveis, em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, num ambiente integrado de ensino e pesquisa. Alguns anos depois, com a primeira leva de bacharéis dos cursos de geologia, a profissão de geólogo veio a ser regulamentada, ficando reservada exclusivamente aos formados em cursos de graduação em geologia, sob fiscalização do Conselho de Engenharia e Arquitetura. Em 15 de abril de 1965, por meio da lei n. 4.618, os cursos da CAGE foram incorporados às Universidades Federais.

Como parte deste relatório sobre o histórico da geologia no Brasil, gostaríamos de sumarizar o perfil de alguns professores que atuaram nos primeiros anos de criação do curso em Recife. Dentre estes, o inesquecível Paulo José Duarte, notabilizado pela importante descoberta da jazida de fosfato da Bacia sedimentar da Paraíba, foi o principal articulador do projeto de criação do curso de geologia no Recife e seu primeiro diretor, apoiado pelo então Reitor da Universidade do Recife, Prof. Joaquim Inácio de Almeida Amazonas. Paulo José Duarte cursou química industrial na Escola de Engenharia da então Universidade do Recife (que passou a ser chamada UFPE em 1965) e desenvolveu interesse pela geologia a partir de uma longa excursão geológica como acompanhante do célebre geólogo/engenheiro de minas Luciano Jacques de

Morais, com quem percorreu os sertões da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará visitando minerações. Foi ele quem coordenou a instalação do curso de geologia criado na Universidade do Recife pela CAGE. Faleceu em 24 de outubro de 1995 e um esboço de sua autobiografia encontra-se em seu artigo “Minhas Memórias da Escola de Engenharia de Pernambuco” (coleção Mossoroense, série C, v. 928, Fundação Vingt-un Rosado, Mossoró, RN).

pelo paleontólogo Emanuel Martins despertou seu interesse pela paleontologia e em particular pelo estudo de foraminíferos, tendo se tornado um dos mais respeitados neste campo no País. Tinoco foi contratado em 1959 pela CAGE e suas pesquisas e ensino em muito ajudaram nos primeiros passos da Escola de Geologia. Pessoa de fácil trato, muito comunicativo e muito culto, com sua lupa binocular identificou mais de 19 espécies novas de foraminíferos. Era membro-associado da Academia



Foto 1. Prof. Paulo José Duarte durante um jantar com Alcides Sial, William Johnston Jr., e Francisco das Chagas Pinto Coelho, no Hotel São Domingos, em Recife, em 1969.

Outro pesquisador que merece especial citação é Ivan de Medeiros Tinoco, naturalista com doutorado em geologia pela USP em 1973. Sua admiração

Brasileira de Ciências desde 1973. Faleceu o ano passado, após uma vida de dedicação a ciência, deixando uma lacuna impreenchível.

Além destes, outros brasileiros que foram peças fundamentais e não menos valorosos para alicerçar o curso de geologia em Recife podem ser mencionados: Jaime Gusmão Filho, Arão Horowitz, Adalberto Ferreira Canha, Romildo Cordeiro Pessoa,

da Alemanha, François Otman, Jacques Pierre Cassedane, Jean Pimenta e André Robert Meunier da França, John Stark e Max White dos Estados Unidos, o russo Boris Brajnikov, o indiano Adusumilli Bhaskara Rao, além do inglês Gerald Barza Sills. A estes se juntaram



Foto 2 – Prof. Ivan Medeiros Tinoco, durante o simpósio de Geologia do Nordeste em 1968, na Escola de Geologia da UFPE, tendo a seu lado o geólogo Manassés Alves Bezerra.

Paulo Mendes, José Fernandes de Melo, Antônio Mota Barbosa, Francisco das Chagas Pinto Coelho, Gilberto Osório de Andrade, Mário Lacerda, Maria do Perpétuo Socorro Adusumilli, Rubem de Queiroz Cobra, José Jorge Seixas, Moacir de Vasconcelos, João Batista de Vasconcelos, Carlos Alberto de Menezes Jr. e Sérgio Tavares.

O curso de Geologia de Recife, em seus primeiros passos, buscou amparo na experiência estrangeira, tendo sido contratados professores de diversos países: Heinz Ebert, Karl Beurlen e Guntram Krammer

um pouco depois os professores Helmo Rand, estoniano naturalizado americano e posteriormente brasileiro, o holandês Jannes Markus Mabesoone, Jean Paul Testemale, todos em 1965 e, no início dos anos 80, o holandês Jacobus Honyik.

Karl Beurlen, um dos cientistas de maior destaque no elenco de professores do curso da CAGE, concluiu em 1923 o curso de geologia em Tübingen, Alemanha, recebeu o grau de doutor em Ciências Naturais e de Livre docente pela Universidade de Königsberg, Alemanha. Após carreira

científica de destaque na Alemanha, chegou ao Brasil em maio de 1950, indo morar em Niterói. Estudou diversas formações Gondwânicas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul até 1953, tendo publicado 44 trabalhos entre 1950 e 1957. Em 1957 aceitou o convite para ensinar e pesquisar

geologia em Recife, Gerhard Beurlen, que veio a ser micropaleontólogo da PETROBRAS e Hartmut Beurlen, especialista em geologia econômica e professor na UFPE desde 1973. Foi agraciado com a medalha de ouro José Bonifácio pela SBG nos anos 60, como reconhecimento ao seu perfil científico,



Foto 3 – Prof. Karl Beurlen, durante a cerimônia em que lhe foi outorgado o título de Doutor Honoris Causa pela UFPE, em Recife, entregue pelo Reitor Marcionilo de Barros Lins. Ao lado, o geólogo Benjamin Bley de Brito Neves.

no curso da CAGE em Recife. Para completar o campo de ensino paleontológico, indicou e logo foi contratado o Prof. Ivan de Medeiros Tinoco, seu colega de trabalho no DNPM. No campo, era um personagem sertanejo caracterizado pela extraordinária resistência à fadiga, o que causava admiração dos seus alunos. Solícito em explicar e colaborar, transmitia entusiasmo pela ciência que abraçara, tendo formado dois filhos em

dedicação a Ciência e seu trabalho em prol da geologia brasileira.

Merece muito especial destaque o Prof. Adusumilli Bhaskara Rao, nascido na Índia, onde se graduou em geologia em 1949, e posteriormente alcançou o grau de mestre em 1950. Após atingir o grau de Ph.D. em 1957 na Universidade de Berna, Suíça, aceitou o convite para atuar como professor na Escola de Geologia em Recife em 1958

onde permaneceu até 5 de março de 1971 quando se transferiu para a Universidade de Brasília, onde lecionou até aposentar-se. Sua versatilidade era patente quando se considera os assuntos que ensinou, que lhe exigiu tempo, dedicação e energia, e incluíram: cristalografia, mineralogia, petrologia, geologia econômica, exploração mineral, economia mineral e minerografia. Foi-lhe outorgada pela SBG, a medalha José Bonifácio em 1992, como reconhecimento à sua contribuição científica e à formação de recursos humanos, e enorme contribuição a geologia do Brasil. Sua eleição para membro correspondente da Academia Brasileira de Ciências foi, como disse Benjamim Bley de Brito Neves, um complemento/adereço apenas ao virtuosismo de sua jornada em terras brasileiras. Como professor e pesquisador transmitia entusiasmo a seus discípulos, devotando muito carinho por tudo que fazia profissionalmente. Com

pesquisadores e estudantes nas áreas de mineralogia e petrologia. Em decorrência, foi criado o *Jornal de Mineralogia* e, posteriormente, o *Boletim Mineralógico* que divulgaram importantes resultados, muitos deles ainda bastante citados no dia de hoje. Mas, o Prof. Rao não foi apenas um cientista. Filósofo por natureza, culto, reunia bons sentimentos, empatia, conhecimento e exemplo de vida, era conhecido pelas suas excelentes qualidades humanas. A exemplo, em 1969 quando ainda na UFPE, criou uma bolsa de incentivo científico (BIC) pelo Clube de Mineralogia, para permitir que estudantes carentes pudessem manter-se durante sua permanência na Universidade. Descobriu vocações e motivou a juventude para a pesquisa e para a publicação dos seus resultados. Faleceu em 27 de novembro de 2003 em Brasília e nos deixou uma profunda saudade principalmente neste seu pupilo e amigo.



Foto 4 – Prof. Adusumilli Bhaskara Rao, durante uma excursão de campo em 1963, próximo a Santa Luzia, Paraíba.

marcante criatividade, liderança e dinamismo, o Prof. Rao criou em 1958 o Clube de Mineralogia com a finalidade de congregar

Geralmente por trás de um grande homem está uma grande mulher. O Prof. Bhaskara Rao teve o privilégio de ter como esposa a



Foto 5 – Profs. Maria do Perpétuo Socorro Adusumilli e Adusumilli Bhaskara Rao em foto obtida em 2000.

maranhense Maria do Perpétuo Socorro Adusumilli, naturalista, petróloga e mineralogista, transferida do DNPM do Rio de Janeiro (onde trabalhou com Evaristo Pena Scorza) para Recife no final dos anos 50. Ela atuou como assistente do Prof. Heinz Ebert logo após sua transferência e veio a ser responsável pelas disciplinas de Mineralogia Óptica e Petrografia no início dos anos 60, revelando-se uma grande professora, de dedicação a toda prova e didática impecável. Conquistou admiração de seus alunos pela forma competente e carinhosa como manejava o ministério das disciplinas sob sua égide. A Profa. Maria do Socorro foi também presidente do Clube de Mineralogia e, sobretudo, uma grande esposa para o Prof. Rao, com quem teve dois filhos, Anand Rao e Savitri Maria.

Helmo Rand, natural da Estônia, fugiu para o ocidente quando trabalhava na marinha mercante da Estônia, três anos

depois que o país fora anexado a União Soviética, em 1944. Posteriormente, foi para os Estados Unidos onde se formou em geologia pela Universidade de Nova York e fez o mestrado em Geofísica na Universidade de Indiana. Naturalizado norte-americano, chegou ao Brasil no início dos anos 60, sendo o primeiro geofísico da Escola de Geologia, onde desenvolveu carreira de professor e pesquisador, escrevendo mais de 40 trabalhos sobre características geofísicas (gravimetria e magnetometria) do nordeste brasileiro, como pioneiro neste tipo de pesquisa. Querido pelos seus alunos, foi paraninfo das turmas de 1973, 1978 e 1981, e foi homenageado por várias turmas de geólogos da UFPE. Naturalizou-se brasileiro em dezembro de 1972, falecendo em 02 de maio de 1995 e, em sua homenagem, foi criado o Laboratório de Geofísica Prof. Helmo Rand no Departamento de Geologia.

Além dos nomes citados, ainda figuram os de alguns jovens geólogos, egressos das primeiras turmas, que optaram pela vida acadêmica atrelando-se aos professores estrangeiros em busca de aprimorar o seu conhecimento. Dentre estes podemos citar: Abelci Daniel de Assis, Aroldo Alves de Melo, Waldmir Cruz, Waldir Duarte Costa, Paulo da Nóbrega Coutinho, Pedro Gomes de Melo e Marcelo Coimbra de Castro (em 1962), seguidos de Luiz Peixoto de Siqueira egresso da PETROBRAS (em 1966), Sylvio Pércles de Barros Oliveira (em 1967), Ricardo Jorge Lobo Maranhão do IPA (em 1968) e Ricardo José Ribeiro Pessoa (em 1968). Estes geólogos brasileiros ajudaram a nortear os primeiros caminhos do curso de geologia em Recife.

Os primeiros anos do Curso de Geologia em Recife não foram mar de rosas, repleto de paz. Época de fortes tendências a mudanças políticas radicais em diversas partes do mundo, conflitos discentes/docentes e muitas greves discentes eram comuns. A primeira turma viu-se obrigada a repetir um ano totalizando cinco anos de permanência no curso, e os primeiros trinta e três geólogos se formaram em 1961 representando a soma das turmas ingressas em 1957 e 1958. Em 1965, já sob o governo militar, a Escola de Geologia foi transferida para a Rua Dom Bosco 1002, onde funcionou até ser finalmente transferida para o prédio de Engenharia na Cidade Universitária, onde funciona atualmente o Departamento de Geologia no Centro de Tecnologia e Geociências.

Logo após a criação do tempo integral e dedicação exclusiva nas Universidades brasileiras em 1970, pelo então Ministro da Educação Jarbas Passarinho, professores universitários tiveram seus salários majorados em cerca de 250%. Esta nova realidade tornou a UFPE mais atrativa e

alguns geólogos da SUDENE, egressos das primeiras turmas, vieram para a UFPE, somando-se às nossas fileiras Benjamim Bley de Brito Neves, Aldo da Cunha Rebouças, Edilton Carneiro Feitosa e Hartmut Beurlen, em tempo integral, e Emanuel Wanderley Duarte e Walter Duarte Costa da CONESP, em tempo simples.

PERFIL DO ALUNO DA ESCOLA DE GEOLOGIA DA UFPE

Em breve retrospectiva feita pelo Prof. Jaime Gusmão Filho (Prof. Emérito da UFPE) no *Jornal do Comércio* dois dias atrás (29 de maio), foram lembrados diversos aspectos do ensino e comportamento do aluno de geologia nesta Universidade. Os professores estrangeiros com o respaldo da CAGE, introduziram normas severas de ensino e avaliação. O ensino de laboratório e campo integrava professores e alunos em pesquisas e publicações, e incluía apresentações de seminários, contrastando com as formas de trabalho vigente na época, numa antevisão da pós-graduação de hoje.

O severo regimento da Escola de Geologia exigia nota 7,00 para a aprovação nas disciplinas. O número de provas era aleatório, mas em disciplinas anuais, era geralmente de 12. Sábado era dia para excursões para regiões mais próximas, e as férias, para trabalhos de campo visando relatório de graduação. O relatório de excursão curricular tinha peso 10, sendo um grande desafio para aprovação na disciplina. Mas a maior exigência era com o relatório de graduação ao término do curso, realizado sob orientação de vários docentes, muitas vezes a nível de dissertação de mestrado. Estes trabalhos, como bem frisado pelo Prof. Gusmão, constituem importantes subsídios para o conhecimento da geologia local.

Estudantes de geologia tinham muito orgulho do curso. Achavam-se privilegiados dentro do sistema educacional brasileiro. Tinham código de honra de não filar nas provas, vivendo geralmente sob pressão diante das inúmeras tarefas a desempenhar. Não podiam ser reprovados em nenhuma disciplina, pois isto significava a perda da bolsa que recebiam da CAGE. Podiam, quando muito, ficar na dependência de apenas uma matéria que era repetida no ano seguinte. Estudantes viviam literalmente na Escola de Geologia (alguns poucos deles chegando a morar na Escola).

OS INSTITUTOS DE GEOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA TERRA

Logo após a criação da Escola de Geologia da Universidade do Recife em 1957, funcionando na Rua do Hospício 425, na Boa Vista, foi criado em 1960 o Instituto de Geologia que funcionou à Rua Corredor do Bispo 155, também na Boa Vista. Em 1965 foi criado o Instituto de Ciências da Terra (ICT), que funcionou no prédio onde hoje está o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), na Cidade Universitária. O primeiro tinha a sua frente o Prof. Rilson Rodrigues da Silva, que ladeado pelos professores Silvio da Cunha Santos e Ivan de Albuquerque Loureiro, conseguiram instituir um centro de pesquisa nas áreas de Mineralogia, Petrologia, Geologia Física e Paleontologia. Esta instituição contava com um moderno laboratório de difração de raios-X, além de um bom museu de minerais e rochas e coleções paleontológicas, laboratório fotográfico, veículos de campo, laboratório de laminação, e uma ótima biblioteca especializada exemplo para a Universidade do Recife. Neste Instituto, atuavam Carlinda Campelo de Farias, Cláudio de

Castro, Dirceu Macedo, Genaro Batista da Silva, Janine Cassedane, Júlio Gentil, Lucia Seve de Sant'Ana Barbosa e Mariano Domingues da Silva, agregando-se, posteriormente, Albany Gouveia, Glícia Santos Borba e os geólogos Alcides Nóbrega Sial e Eldemar de Albuquerque Menor, em março de 1967. Alguns professores estrangeiros, além de Janine Cassedane e Júlio Gentil, marcaram uma breve passagem no Instituto, e dentre eles destacam-se os franceses Olivier Dottin e Jean-Paul Testemale, além de visitantes como Stanislav Goldstaub e o físico francês Henri Saucier, seu colega em Strasbourg, França, especialista em paleomagnetismo.

Completava o elenco de pesquisadores deste Instituto diversos bolsistas do Conselho Central de Pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (COCEPUR), CAPES e CNPq. Alguns desses bolsistas integravam a equipe de paleontólogos, merecendo citação Murilo Rodolfo de Lima, que mais tarde viria a ser professor de paleontologia na USP, Maria de Pompéia, Elizabete Keshner e Elizabete Damiani. Na área de Petrologia atuavam Derleide Araújo, Inês Buarque de Amorim, Iracema Alves de Souza, Maria do Carmo Leite Carvalho e Miracema Fernandes Gurgel, todas bolsistas de Aperfeiçoamento pelo CNPq. É importante sublinhar-se que naquela época o Instituto de Geologia estava, talvez, melhor equipado do que a própria Escola de Geologia.

No Instituto de Ciências da Terra maior ênfase era dispensada à Geomorfologia, Paleontologia e Geografia Física. Aqui se destacam os nomes dos professores Gilberto Osório de Andrade, geógrafo de reconhecida competência na área de geomorfologia, Rachel Caldas Lins na área de morfoclimatologia, e Geraldo da Costa



Foto 6 – Grupo de professores do Instituto de Geologia da UFPE durante a cerimônia de abertura do Congresso Brasileiro de Geologia (Ouro Preto, 1976). Da esquerda para a direita: Alcides Nóbrega Sial, Cláudio de Castro, Vilma Alves Campanha, Carlinda Campelo de Farias e Glícia Santos Borba.

Barros Muniz, diretor deste Instituto por longo período e com marcante contribuição à malacologia e ao estudo de icnofósseis. A este grupo associaram-se nos anos 60 os paleontólogos Ieda do Monte Teixeira Barros, José Otavio de Melo, José Lins Rolim, este último interessado no estudo de megatérios (mamíferos Pleistocênicos), Luzinete de Oliveira Ramirez, e Vilma Alves Campanha, cujo interesse científico era também voltado à Estratigrafia, e que posteriormente se transferiu para o IPT em São Paulo. Bolsistas da CAPES, COCEPUR e CNPq também integravam a equipe de paleontólogos e dentre eles citamos Priscila Muniz e Daisy Cirene.

Dentre os que lideraram o Instituto de Geologia e o ICT, merecem destaque especial Rilson Rodrigues da Silva (IG) e Gilberto Osório de Andrade (ICT). Podemos discorrer melhor sobre o primeiro porque tivemos o prazer de trabalharmos próximo a ele e encontramos nele um dos melhores amigos. De lealdade a toda prova, leitor veloz dos prós e contras, mas decidindo sempre pelo lado humano, Rilson era uma das mais brilhantes pessoas das Ciências da Terra na UFPE. Nascido em 1932 em Caruaru, diplomou-se em química industrial em 1953 pela Universidade do Recife, obteve o certificado de Estudos Superiores em



Foto 7 – Rilson Rodrigues da Silva, durante comemoração natalina no NEG-LABISE em dezembro de 1996, junto ao geólogo Ricardo José R. Pessoa.

cristalografia-Mineralogia na Universidade Louis Pasteur, França, em 1954/1955, tendo concluído o doutorado na França com a menção *très honorables* na Universidade de Strasbourg. Defendeu tese de livre docência no Departamento de Engenharia de Minas da UFPE em junho de 1977. Foi chefe a Divisão de Mineralogia do Instituto de Geologia, e criou em 1959, com substancial ajuda do CNPq, o primeiro laboratório de cristalografia do País, liderando grupo de recém-diplomados. Suas pesquisas foram principalmente dirigidas para o crescimento de cristais e a mineralogia de pegmatitos.

Foi membro do primeiro Comitê Assessor (CA) em Geociências no CNPq (1976 a 1978) e delegado brasileiro, designado pelo CNPq como presidente de Cristalografia, em 8 congressos internacionais. Aposentou-se em 1990 por problema de sua visão decorrente da exposição a raios-X no seu laboratório. Foi eleito membro titular da Academia Brasileira de Ciências em 1975 e, pela sua dedicação à Universidade, causas universitárias, pesquisas e ensino, fez jus ao título de professor emérito pela UFPE em maio de 1998. Faleceu em 29 de setembro daquele mesmo ano.



Foto 8 – Gilberto Osório de Andrade e Rachel Calda Lins. Foto disponível em: <http://www.alepe.pe.gov.br/perfil/parlamentares/GilbertoOsorio/foto20.html>

Gilberto Osório de Andrade, nascido em 1912 em Recife, diplomou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1933. Professor Livre Docente de Direito Constitucional da mesma Faculdade, foi Deputado Estadual pela UDN e líder de sua bancada no quadriênio do governo de Barbosa Lima Sobrinho. Ocupou, por algum tempo, as pastas do Governo e da Educação e Cultura no governo Etelvino Lins e como jornalista, dirigiu o *Jornal Pequeno* e colaborou no *Jornal do Comércio*, e outros órgãos da Imprensa. Do ensino em colégios passou à Universidade, onde se consagrou como professor de Geografia Física. Ensinou Geomorfologia por muitos anos no curso de Geologia conquistando admiração dos estudantes de Geologia; foi paraninfo da turma de geólogos formados em 1966. A jornalista Leda Rivas, em livro que escreveu sobre este

eminente brasileiro, viu-o como um gênio, um homem-enciclopédia. Gilberto Osório também foi poeta e membro da Academia Pernambucana de Letras, e do Conselho Estadual de Educação, do qual foi presidente. Foi pesquisador do Departamento de Ciências Geográficas da Fundação Joaquim Nabuco e suas publicações nos Arquivos do Instituto de Ciências da Terra (ICT) da UFPE representam importante contribuição sobre o conhecimento da geomorfologia do Nordeste. Faleceu em Recife, em 1986.

A TRÍPLICE ALIANÇA

No final dos anos 60, por imposição do governo federal, a Escola de Geologia, o Instituto de Geologia e o Instituto de

Ciências da Terra foram obrigados a se unir. A reação negativa destas três unidades a este casamento a contra gosto pareceu-nos patente pela longa e acirrada discussão que testemunhamos ao final de 1968 na Escola de Geologia. As primeiras escaramuças asseguravam que esta não seria uma batalha fácil. Os professores Adalberto Ferreira Canha, Arão Horowitz e Adusumilli Bhaskara Rao, entre outros, da Escola de Geologia, prepararam um projeto em que da união do IG e ICT resultaria a Escola Central de Geologia. No entanto, uma liminar judicial momentaneamente pôs água fria na querela e o casamento foi temporariamente suspenso.

Com o regresso da França do Prof. Rilson Rodrigues da Silva, a luta era reaberta e no primeiro semestre de 1970, o Instituto de Geologia era finalmente transferido para a Cidade Universitária, o mesmo acontecendo com a Escola de Geologia, que unidos ao ICT, formaram o Instituto de Geociências que teve o Prof. Rilson Rodrigues da Silva como diretor *pro-tempore*, que conseguira fazer prevalecer a posição federal de união destas três Instituições. Como parte da anuência desta união, quatro professores da Escola de Geologia foram promovidos a professores titulares para satisfazer exigências legais (Aldo da Cunha Rebouças, Luiz Peixoto de Siqueira, Ricardo Jorge Lobo Maranhão e Waldir Duarte Costa).

Após a junção das três Instituições foi criado o Instituto de Geociências e neste o Departamento de Paleontologia e Geologia (mais tarde Departamento de Geologia) que teve como primeiro chefe Geraldo da Costa Barros Muniz, seguido mais tarde por Genaro Batista da Silva, José Lins Rolim, Lúcia Seve de Sant'Ana Barbosa, Sylvio Pércles de Barros Oliveira, Waldir Duarte Costa, José Lins Rolim, Derleide Araújo Pessoa, José Mauricio Rangel, Ricardo J. Ribeiro Pessoa, Edmilson Santos de Lima,

Gorki Mariano, Ignez de Pinho Guimarães, Valdir do Amaral Vaz Manso e, atualmente, Lucila Ester Prado Borges.

Em 1971, foram eleitos os seguintes professores para compor a lista para diretor do Instituto: Adalberto Ferreira Canha, Aldo da Cunha Rebouças, Arão Horowitz, Luiz Peixoto de Siqueira Peixoto e Rilson Rodrigues da Silva. Foi escolhido este último para exercer a função de diretor do Instituto de Geociências. O Prof. Rilson continuou como diretor deste Instituto até ser implementada a nova estrutura da UFPE em Centros e estes em Departamentos, tendo sido eleito e empossado em 16 de janeiro de 1975 como diretor do Centro de Tecnologia, instituição que em 1995, durante a gestão Antônio Carlos Maranhão e Hartmut Beurlen passou a ser chamada de Centro de Tecnologia e Geociências. Na nova estrutura, os professores do Instituto de Geociências foram alocados em dois Departamentos: Geologia e Engenharia de Minas.

Após a junção, gradativamente, um maior número de geólogos foi incorporado ao Departamento de Geologia: João Manoel Filho, Manassés Alves Bezerra, Edmilson Santos de Lima, Ignez de Pinho Guimarães, Adejardo Francisco da Silva Filho, Margareth Alheiros, Joaquim Alves da Motta, José Mauricio Rangel da Silva, Carlos José Archanjo, Lúcia Maria Mafra Valença, Mirtes Costa Feitosa, Gorki Mariano, Sérgio Pacheco Neves, Valdez Pinto Ferreira, Maria Somália Sales Viana, José Augusto Costa Almeida, Alcina Magnólia Franca Barreto, Mário Ferreira de Lima Filho, Virgínio Henrique de Miranda Lopes Neumann, João Adauto de Souza Neto e Gelson Luís Fambrini. Os geólogos lotados no Departamento de Engenharia de Minas (além de uma engenheira civil e um físico) foram transferidos para o Departamento de Geologia em 2004: Lucila

Ester Prado Borges, Sandra Barreto, Eldemar de Albuquerque Menor, Marcelo Reis Rodrigues da Silva, Jorge João Ricardo Ferreira Cardoso, Evenildo Bezerra de Melo, Paulo Barros Correia, José Geílson Alves Demétrio, Almany Costa Santos e Valdir do Amaral Vaz Manso. Quatorze desses geólogos foram doutorados no exterior e os demais em Universidades brasileiras bem conceituadas, tendo oito deles recebido treinamento ao nível de pós-doutorado no exterior.

A PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOCIÊNCIAS: DO PADCT AO PRONEX

O programa de pós-graduação em Geociências na UFPE teve início no segundo semestre de 1973, com a criação de dois cursos de pós-graduação ao nível de mestrado, um em Hidrogeologia e outro em Geologia Sedimentar. O primeiro destes teve o Prof. Edilton Carneiro Feitosa como coordenador e o segundo, o Prof. Jannes Markus Mabeoone. Estes dois professores dedicaram grande esforço para organizar estes cursos e aprimorá-los nos anos que se seguiram, de tal forma a torná-los conhecidos como centro de ensino de pós-graduação e pesquisa, e a atrair bons estudantes do Nordeste e de outras regiões do País.

Ambos os cursos contaram desde o início com o apoio da CAPES e do CNPq por meio da concessão de bolsas de estudo. O mestrado em Hidrogeologia, em particular, contou com o apoio da SUDENE, por meio do projeto Apodi, que financiou diversas dissertações de mestrado. O Prof. Rilson Rodrigues da Silva, então diretor do Instituto de Geociências, foi peça fundamental na criação destes cursos e na busca de apoio financeiro nos Órgãos de Fomento. Por sua sugestão, os dois programas de Mestrado em Geociências

foram fundidos em 1975 em um único, tendo como coordenador este que vos fala e que permaneceu na coordenação até setembro de 1977. Os primeiros mestres concluíram o curso em 1976, tendo sido Maria da Graça de Vasconcelos Xavier a primeira Mestre formada neste Programa, em abril de 1976.

Em 1978, o Prof. Rilson propôs com a aquiescência do Conselho Departamental do Centro de Tecnologia da UFPE, a criação de uma terceira área de concentração do Mestrado em Geociências, denominada Mineralogia e Petrologia, ampliando o contingente de professores lecionando no Mestrado e incorporando novas linhas de pesquisa. Os primeiros mestrandos nesta área de concentração concluíram e defenderam com sucesso suas dissertações em 1982. Em 1979, o programa foi classificado pela CAPES como de nível A. Por razões alheias à nossa vontade, vimos como muito pesar o programa ser rebaixado para o nível C pela CAPES em 1984.

Com a implantação do Programa PADCT, financiado pela FINEP, em sua fase teste ainda naquele ano, as pesquisas nos Departamentos de Geologia e Engenharia de Minas foram fortemente impulsionadas com a aprovação de um projeto em comum, o Projeto Geociências. O apoio do PADCT a projetos subseqüentes que deram continuidade ao Projeto Geociências na UFPE veio a fortalecer estes Departamentos e beneficiar sobremaneira a pós-graduação. Uma nova fase era assim estabelecida. Vários laboratórios foram instalados (isótopos estáveis com linhas de extração de oxigênio de silicatos e CO₂ de carbonatos, espectrometria de massa de fonte gasosa, fluorescência de raios-X, laboratório de preparação de amostras e separação de minerais, espectrometria de plasma (ICP) e inclusões fluidas, além da modernização dos laboratórios de microscopia e análises sedimentológicas,

aquisição de veículos de campo, criação de sala de computação para a pós-graduação, e ampliação do acervo da biblioteca). O programa de Mestrado recebeu conceito B pela CAPES, em 1992 e hoje é classificado no nível quatro. Como uma consequência natural de toda esta nova estruturação, alguns pesquisadores nesta Instituição começaram a agrupar-se em laboratórios/grupos de pesquisa, surgindo o NEGLABISE, o LABHID, LGGM, o LAGESE, o LEMA, o GEG e o TECMA.

No início dos anos 90, a área de Petrologia contava com um número crítico de doutores adequado para nuclear um doutorado nesta área. Proposto à CAPES a criação do doutorado em Petrologia, foi aprovado e assim criado o primeiro doutorado no Centro de Tecnologia na UFPE, em 1992. As áreas de Hidrogeologia e Geologia Sedimentar tiveram aprovados cursos ao nível de Doutorado em 2001.

O Programa de Pós-Graduação em Geociências formou até o momento 171 mestres e 28 doutores. Neste período, a pós-graduação atraiu estudantes egressos do próprio Departamento de Geologia da UFPE, de outros estados (Pará, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Mato Grosso), e do exterior (Paraguai, Colômbia, Argentina, Peru, Uruguai, Ilhas do Cabo Verde, Líbia). Geólogos, engenheiros de minas, engenheiros civis, geógrafos, biólogos, químicos, físicos e agrônomos têm regularmente procurado este Programa de Pós-graduação.

Nos últimos 10 anos, pesquisadores de outras Instituições têm realizado pesquisas junto a professores do Programa, em trabalhos a nível de pós-doutorado: Anil Maheshwari (Jaipur, Índia), Lalchand Govindram Gwalani (Nagpur, Índia), Manoj Kumar Pandit (Jaipur, Índia), Marcelo Solari (Universidade do Chile), Ignácio Sabino

Garcia (Universidade de Salta, Argentina), e brasileiros (Núbia Chaves Guerra, Roberta Galba Brasilino, Dwight Rodrigues Soares). O Programa recebeu também professores visitantes em áreas diversas como Roberto Ferrer Weinberg (dinâmica de fluidos), Joel de Castro (Estratigrafia), Edilton José dos Santos (Geologia Regional), José Carlos Sicoli Seoane (Sensoriamento Remoto) e Helena Hessel (Paleontologia).

O PADCT ajudara a fortalecer o parque analítico da Geologia na UFPE e a pavimentar novos caminhos para a pesquisa. Com injeção adicional de recursos da FINEP e da ANP/CTPETRO, o nosso programa de pós-graduação tornou-se mais competitivo e vários projetos têm sido aprovados nos últimos anos, ampliando e modernizando os seus laboratórios. Foram instalados um laboratório de susceptibilidade magnética e um de catodo-luminescência e, em parceria com o Departamento de Eletrônica da UFPE, equipou-se um microscópio eletrônico com sistema WDS para análises pontuais. Foi instalado também um laboratório de extração de oxigênio a laser de CO₂ no qual está em fase de instalação um espectrômetro de massa de razão isotópica (*Delta Advantage*), moderno sistema, único na América do Sul.

O resultado é que ao longo dos anos, a Pós-graduação em Geociências foi capaz de, no início de 2007, ter projeto institucional aprovado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência – PRONEX/FACEPE, credenciando o nosso programa de pós-graduação naquele momento ao nível de excelência.

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INSERÇÃO INTERNACIONAL

Nos primeiros anos do Curso de Geologia o registro de sua produção científica foi

muito limitado. Àquela época foram criados os Arquivos de Geologia e o Jornal de Mineralogia pelo Clube de Mineralogia em 1958, ambos apenas mimeografados. Havia também os Arquivos do ICT, do Instituto de Ciências da Terra, onde eram publicados principalmente artigos de geomorfologia com forte contribuição de Gilberto Osório de Andrade e Rachel Caldas Lins. No Instituto de Geologia havia duas séries de publicações: Cadernos de Bolsistas e Boletim de Mineralogia. O Brasil não contava a época com muitos veículos de publicação para as Ciências da Terra e algumas vezes se recorria a publicações em Boletins regionais como o da SBG - Núcleo Nordeste e Anais de Congressos. A SUDENE tinha várias séries de publicações, mas restritas a seus próprios geólogos. A CONESP tinha um periódico trimestral, a Revista de Água Subterrânea, e a Associação dos Geólogos de Pernambuco (AGP) criou sua própria revista que no começo dos anos 70 chegou a publicar diversos artigos científicos com contribuições relevantes de Ricardo Jorge Lobo Maranhão, Aroldo Alves de Melo e Luiz Peixoto de Siqueira. O DNPM mantinha três séries de publicações (Boletim da DGM, Boletim da DFPM e Notas Preliminares e Estudos - NPE).

Com a transferência do Prof. Bhaskara Rao para a UnB em 5 de março de 1971, o Clube de Mineralogia que teve então o Prof. Cláudio de Castro como presidente por um certo tempo, criou o Boletim Mineralógico, publicado em *offset* tendo Alcides N. Sial como editor dos primeiros números.

Em 1969, foi criada a série Estudos e Pesquisas (Estudos Geológicos) no Instituto de Geologia e o então diretor, Prof. Ivan de Albuquerque Loureiro, nomeou a Comissão Permanente de Publicações, composta pelos professores Alcides Nóbrega Sial, Cláudio Castro, Gilberto

Osório de Andrade (posteriormente substituído pelo Prof. Antônio Vieira), João Dália Filho, e Manuel Francisco de Oliveira. Em um primeiro esforço, conseguiu-se resgatar um trabalho há muito entregue para publicação à Imprensa Universitária da UFPE. Era o trabalho de autoria de Genaro Batista da Silva e Júlio Gentil sobre a jazida de ferro de Belmonte em Pernambuco. Ainda em 1969 este trabalho teve seu lançamento juntamente com outros livros da Imprensa Universitária da UFPE, no Hotel São Domingos, na praça Manoel Borba em Recife. Estava vencida a inércia e era, a partir daquele momento, necessário batalhar para arrebatar manuscritos científicos e conseguir recursos para alimentar esta série de publicações. Em consequência, vários trabalhos foram publicados em seguida. Nos anos 80, o Prof. Mabeoone assumiu a comissão editorial desta série tendo reorganizado diversos números e foi substituído recentemente pelo Prof. Gorki Mariano que conferiu um novo formato a este Boletim, imprimindo-lhe uma certa regularidade e disponibilizando-o na *internet*.

Os Anais da Academia Brasileira de Ciências eram pouco utilizados pelas Geociências, destacando-se apenas a contribuição da paleontologia, com algumas exceções como em 1968, quando um número dos Anais foi dedicado ao Projeto do Manto Superior. Abriríamos aqui um parêntese para frisar que as Ciências da Terra foram praticamente a única área na Academia que publicou diversos *special issues* nos Anais da Academia Brasileira de Ciências até hoje.

A Revista Brasileira de Geociências (RBG) foi criada em 1971 pelo Prof. Fernando Flavio Marques de Almeida, e seu primeiro número foi publicado em setembro daquele ano. Era a primeira revista nacional,

trimestral, publicada pela Sociedade Brasileira de Geologia, que deveria canalizar a produção científica das Geociências.

Com a injeção de recursos financeiros do PADCT, melhoria das condições de pesquisa no Departamento de Geologia, e uma melhor preparação científica dos seus professores, o número e qualidade dos trabalhos científicos cresceram sobremaneira a partir dos meados dos anos 80. Isto pode ser avaliado pelo número de citações em revistas registradas no ISI e “fator H” superior a 5 de vários professores deste Departamento. A inserção internacional e a boa qualidade de nossa pesquisa científica são evidenciadas quando periódicos de alta circulação internacional registrados no ISI creditam a nossos professores responsabilidade de organizar edições especiais (mais de 10 *special issues* deste gênero foram organizadas), os convidam a participar de corpos editoriais, ou a atuar como árbitros na seleção de manuscritos para publicação. O nosso corpo de professores produziu também diversos livros e dentre eles destacam-se os livros dos professores: Karl Beurlen, Jannes Markus Mabesoone, Ivan de Medeiros Tinoco, Alcides N. Sial e Ian McReath, Ricardo Jorge Lobo Maranhão, Sérgio Pacheco Neves, Cláudio de Castro e Lucivânio Jatobá, e Cláudio de Castro e Lucila Ester Prado Borges. Capítulos de livros nacionais ou estrangeiros foram também produzidos por diversos professores. Além disso, o pendor pela literatura e a poesia levou alguns dos nossos geólogos a elaborarem livros deste gênero, destacando-se Benjamim Bley de Brito Neves, Sylvio Pércles de Oliveira, Cláudio de Castro, Silvio Roberto de Oliveira, Gorki Mariano e Luiz Siqueira Filho. No pendor pela música, destacam-se Gorki Mariano e Paulo de Barros Correia.

GEOLOGIA, NOSSO PRODUTO: ALGUNS DESTAQUES

Gostaríamos de apontar alguns destaques/realizações de pessoas ou grupo de pessoas que fundaram o curso de Geologia em Recife ou egressas do mesmo:

- (a) A descoberta da fosforita na Bacia Pernambuco-Paraíba pelo químico Paulo José Duarte (trabalho conjunto com Adauto Teixeira e Luciano Carneiro), articulador da fundação do curso de geologia.
- (b) Dentre os serviços que a geologia da UFPE prestou ao Brasil, destaca-se o mapeamento geológico básico de diversas folhas cartográficas da província Borborema em escala 1:50.000 ou 1:100.000, através de relatórios de graduação que conferem ao formando um treinamento dos mais úteis à sua vida profissional. No início dos anos 80, além do mapeamento geológico de relatórios individuais, professores realizaram a integração dos diversos mapas contíguos, e escreveram relatório integrativo.
- (c) A criação por Celso Furtado do Grupo de Trabalho de Águas Subterrâneas (GTAS), coordenado inicialmente pelo engenheiro de minas Fernando de Brito Dantas e, posteriormente, por Luiz Siqueira, geólogo da primeira turma desta Universidade, gerou a Divisão de Hidrogeologia da SUDENE, e em seguida a Companhia Nordestina de Sondagens e Perfurações (CONESP). Esta teve Luís Siqueira como presidente, Emanuel Wanderley Duarte como diretor técnico, e José Antonio Teixeira como diretor comercial, todos egressos da primeira turma de geólogos formados pela CAGE. A CONESP e a Divisão de

- Hidrogeologia formaram a maior e mais numerosa “escola” de Hidrogeologia do continente. A CONESP que atuava em dez estados brasileiros por meio de quatorze escritórios volantes enviou gradualmente seus geólogos para especialização no exterior. Luis Siqueira apresentou pela primeira vez a idéia sobre a importância do “riacho-fenda” em simpósio internacional em Dubrovnik (ex-Yugoslávia) com o trabalho “Contribuição da geologia à pesquisa de água subterrânea no cristalino”. Demonstrava naquela ocasião que terrenos cristalinos eram capazes de fornecer água em uma vazão média da ordem de 2.000 litros/hora oferecendo água útil ao consumo do gado e, em alguns casos, para uso doméstico.
- (d) A concepção de barragens subterrâneas por alguns professores do Departamento de Geologia, também representou uma importante contribuição para a Hidrogeologia do Nordeste.
- (e) Emanuel Wanderley Duarte, egresso da primeira turma, influenciou Marco Maciel, então governador do Estado de Pernambuco, sobre a importância da exploração de rochas ornamentais, e assim foi criada a Secretaria de Minas (acrescida à Secretaria de Indústria e Comércio), bem como a Minérios de Pernambuco, da qual Emanuel foi fundador e primeiro presidente, a precursora da produção e exportação de “granitos”. Em 1979, Emanuel organizou o primeiro Plano Mestre de Geologia e Mineração do Estado de Pernambuco (englobando a SUDENE, DNPM, CPRM, Universidades) que foi realizado por esta Companhia. Foi também a pessoa que introduziu neste Estado as práticas artesanais e profissionais de lapidação de gemas.
- (f) A enorme contribuição ao conhecimento da mineralogia e geologia econômica da província pegmatítica tântalo-glucínifera e do Rio Grande do Norte e Paraíba.
- (g) A investigação sobre a extensão e gênese da scheelita dos skarns do Rio Grande do Norte e Paraíba.
- (h) O enorme avanço no conhecimento paleontológico das Bacias sedimentares no nordeste. Cabe ressaltar-se que a paleontologia da UFPE que contou com 12 pesquisadores no Departamento de Paleontologia e Geologia no início dos anos 70, chegando a ser considerada das mais fortes no País, comparável em certos aspectos a do Rio Grande do Sul, São Paulo ou Museu Nacional no Rio de Janeiro.
- (i) A contribuição para os estudos de bacias sedimentares do Nordeste, por meio de sua análise, estratigrafia de seqüências e estabelecimento de análogos de reservatórios.
- (j) O desvendar da compartimentação geotectônica do Nordeste, a compreensão do seu arcabouço estrutural e a introdução da técnica de anisotropia magnética para o estudo de posicionamento de plutons.
- (k) O enorme acervo de dados geoquímicos gerados para uma melhor compreensão da evolução crustal por meio da investigação químicas e isotópicas de rochas graníticas por geólogos do NEG-LABISE, GEG e TECMA.
- (l) Pioneirismo no Brasil na utilização da quimioestratigrafia isotópica como ferramenta no estudo de sucessões sedimentares, principalmente afossilíferas, constatação de capas carbonáticas sobre diamictitos glaciais

como registro de profundas mudanças climáticas na Terra no intervalo entre 740 e 580 milhões de anos atrás.

- (m) A constatação pela primeira vez na América do Sul do registro da anomalia isotópica positiva de $\delta^{13}\text{C}$ (anomalia Lomagundi) em Formações carbonáticas do Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais (esta anomalia é registrada em carbonatos entre 2,06 e 2,33 Ga, em praticamente todos os continentes).
- (n) A constatação por geólogos do LABISE da anomalia isotópica positiva, global, de $\delta^{13}\text{C}$ (SPICE) em carbonatos do Cambriano superior e a proposição de uma anomalia negativa, global, batizada como SNICE, na Precordilheira, oeste da Argentina, permitindo um refinamento da Estratigrafia do Cambriano Superior.
- (o) A contribuição para o estudo da passagem Mesozóico-Terciário, o limite K-T, na América do Sul, incluindo a Argentina na Bacia de Yacoraite e na Bacia da Paraíba num esforço conjunto LABISE-LAGESE.
Diversos professores ou geólogos egressos desta casa vieram a desempenhar funções importantes em Agências nacionais ou lhe foram outorgadas comendas que evidenciam o mérito e ou reconhecimento nacional.
- (a) Cinco dos nossos professores receberam a medalha José Bonifácio da Sociedade Brasileira de Geologia e quatro receberam o Martelo de Prata.
- (b) Cinco dos nossos professores (ou ex-professores) foram eleitos membros da Academia Brasileira de Ciências (dois como membros associados, e três como membros titulares).
- (c) Quatro professores participaram de comitês assessores na área de

Geociências no CNPq em Brasília; três atuaram no comitê do PADCT, e um deles ocupou uma cadeira do Conselho Deliberativo do CNPq por dois anos e foi segundo-secretário da Academia Brasileira de Ciências por dois anos.

- (d) Um dos professores foi o coordenador nacional das Geociências na CAPES e outro coordenador-adjunto (em tempos distintos).

Benjamim Bley de Brito Neves e Ignez de Pinho Guimarães ocuparam a vice-presidência da Sociedade Brasileira de Geologia em tempos distintos e Marco Pólo Boa Hora foi presidente da Sociedade Brasileira de Geofísica. Moacir de Vasconcelos, Francisco das Chagas Pinto Coelho e João Batista de Vasconcelos ocuparam chefia/presidência do DNPM ou da CPRM nos anos 60 e 70. Marcelo Oliveira, Judson da Cunha e Silva, Sylvio Péricles de Oliveira e Geraldo de Azevedo Gusmão ocuparam cargos de direção na SUDENE nos anos 60 e 70; Luís Siqueira, José Antonio Teixeira, Geraldo França, Emanuel Wanderley Duarte e Sylvio Péricles de Oliveira foram diretores da CONESP. Ricardo Jorge Lobo Maranhão e Reinaldo Alves de Freitas foram superintendentes da CPRM (SUREG-Recife) e Ruy Fernandes da Fonseca Lima foi diretor da SGM e em seguida da CBPM, em Salvador, Bahia; Afonso Arruda e Jaime Alheiros exerceram a chefia do 4º Distrito do DNPM em Recife. Luís Siqueira foi secretário do governo Estado de Pernambuco. Everardo Maciel foi ministro, em caráter interino, da Fazenda, da Educação e do Interior, e foi secretário Executivo dos Ministérios da Educação (1985), do Interior (1987) e da Fazenda (2002).

HOMENAGEM

Antes de finalizarmos, gostaríamos de usar a prerrogativa de decano do Departamento de Geologia para fazer uma justa homenagem a diversos professores, verdadeiros pilares desta enorme conquista que é a geologia na UFPE: Paulo José Duarte, Adusumilli Bhaskara Rao, Karl Beurlen, Helmo Rand, Ivan de Medeiros Tinoco, Rilson Rodrigues da Silva e Gilberto Osório de Andrade (todos falecidos). Para materializar isto, solicitamos gentilmente aos professores Maria do Socorro Adusumilli, Jaime de Gusmão Filho, José Jorge Seixas, Arão Horowitz, Antônio Mota Barbosa e Jannes Markus Mabesoone que se levantem para que a distinta platéia os saúde com uma calorosa salva de palmas.

Agradecimentos

Em nome de todos os professores de Geologia na UFPE, gostaríamos de parabenizar a Comissão Organizadora deste Evento que não mediu esforços para fazer desta uma data memorável. Como geólogo egresso desta casa, gostaríamos de congratularmo-nos também com todos os ex-alunos e atuais alunos de geologia da UFPE, razão da existência do curso de Geologia, pelo papel que desempenharam/desempenham na construção de um Departamento de Geologia e pós-graduação em Geociências, dos quais a UFPE e o Brasil podem orgulhar-se. Uma última palavra de agradecimentos vai para todos os funcionários que ao longo destes cinquenta anos ajudaram a construir uma geologia robusta e saudável no Nordeste do Brasil.